

CG CINEMA APRESENTA

 **indie lisboa**  
12º Festival Internacional de Cinema Independente

**tiff.** toronto  
international  
film festival®  
SELECÇÃO OFICIAL 2014



# ÉDEN

UM FILME DE MIA HANSEN-LØVE

FÉLIX  
DE GIVRY

PAULINE  
ETIENNE

HUGO  
CONZELMANN

ROMAN  
KOLINKA

VINCENT  
MACAIGNE

GRETA  
GERWIG

LAURA  
SMET

GOLSHIFTEH  
FARAHANI

VINCENT  
LACOSTE

ARNAUD  
AZOULAY



## SINOPSE CURTA

Na década de 90, Paul dá os primeiros passos na cena nocturna de Paris. Apaixonado por música, cria com o melhor amigo a dupla de DJ “Cheers”. Encontram rapidamente o seu público e conhecem uma ascensão vertiginosa, eufórica, perigosa e efémera. Envolvido por esta paixão, Paul esquece-se de construir uma vida.

---

## SINOPSE LONGA

Na década de 90, Paul dá os primeiros passos na cena nocturna de Paris. Apaixonado por música, cria com o melhor amigo a dupla de DJ “Cheers”. Encontram rapidamente o seu público e conhecem uma ascensão vertiginosa, eufórica, perigosa e efémera. Envolvido por esta paixão, Paul esquece-se de construir uma vida. ÉDEN faz-nos reviver a euforia dos anos 90 e a história do French Touch: uma geração de artistas franceses que continua a brilhar no mundo inteiro.

“A história do meu irmão, o seu percurso como DJ após a eclosão das raves, a descoberta da música electrónica, até à explosão mundial do French Touch e uma certa desilusão que o levou a mudar de vida, pareceram-me resumir de maneira bastante pertinente a energia e as aspirações da minha geração.”- Mia Hansen-Løve





## ENTREVISTA COM MIA HANSEN-LØVE

### Como é que lhe surgiu a vontade de contar vinte anos da vida de um DJ?

Terminei a rotação de UN AMOUR DE JEUNESSE [UM AMOR DE JUVENTUDE] com a impressão de ter levado até ao fim uma inspiração coerente. Encaro os meus três primeiros filmes como uma espécie de trilogia e sentia vontade de virar essa página. Simultaneamente, o meu irmão Sven, que durante 20 anos foi DJ, tinha chegado ao fim de um percurso, de uma maneira de viver. Também ele sentia necessidade de começar de raiz e começou, nomeadamente, a escrever, o que toda a vida quisera fazer. Ter visto APRÈS MAI [DEPOIS DE MAIO], de Olivier Assayas, que narra a adolescência deste e, através dela, a história da sua geração, serviu de gatilho. Este filme permitiu-me fazer a seguinte pergunta: “Se eu fizesse um filme sobre a minha geração, sobre a juventude dos anos 90-2000, de um ponto de vista mais «amplo» que o de UN AMOUR DE JEUNESSE [UM AMOR DE JUVENTUDE], com que é que se iria parecer?”. A história do meu irmão, o seu percurso como DJ após a eclosão das raves, a descoberta da música electrónica, até à explosão mundial do French Touch e uma certa desilusão que o levou a mudar de vida, pareceram-me resumir de maneira bastante pertinente a energia e as aspirações da minha geração.

### No filme, cruzamo-nos com músicos que existiram realmente e assistimos à recriação de festas que tiveram, de facto, lugar. Ao assistir a ÉDEN, damos rapidamente por nós a perguntar o que é verdade e o que não é.

Eu e o Sven temos em comum a capacidade de navegar facilmente entre a realidade e a ficção. Por outro lado, o Sven nunca tentou proteger as suas memórias. Confiou-mas com toda a liberdade, não havia qualquer censura. Isso permitiu-nos partilhar uma total cumplicidade durante a escrita. Agora, tudo se confunde, e tenho dificuldade em identificar no filme o que foi que me contou o Sven, o que vem das minhas próprias memórias, e o que foi que eu inventei. Em contrapartida, fomos muito exigentes, quase maníacos, no que toca às festas, aos cantores e aos produtores de Garage, o lado documental do filme. Ao respeitarmos bastante a realidade, e tendo pedido aos



actores desta cena musical que representassem o seu próprio papel e ao reconstruir os ambientes da maneira mais rigorosa possível, queríamos alcançar uma determinada autenticidade, mas também alguma poesia que encontro na reconstituição, ainda que seja impressionista, mais próxima da vida.

**A House, a Techno, a Garage, que servem de pano de fundo de ÉDEN são também declinações do último grande movimento musical da nossa época. Seguir um DJ ao longo dos vinte anos que marcaram o nascimento e a explosão desta cena musical, significa para si uma maneira de prestar um esclarecimento inédito acerca desta revolução cultural por vezes incompreendida?**

Sabermos que nunca tinha sido feito nenhum filme de ficção sobre o surgimento da música electrónica serviu de estímulo para nós. É verdade que 24 HOUR PARTY PEOPLE, de Michael Winterbottom, é uma espécie de parente de ÉDEN, mas não se passa exactamente na mesma época, nem no mesmo país. A virgindade do nosso tema foi muito empolgante.

Podíamos ter contado esta história como se de um caso de sucesso se tratasse – o filme teria sido, sem dúvida, mais fácil de montar. Mas, na minha opinião, teria perdido alguma riqueza e humanismo. Foi por isso que optei por me concentrar no percurso de um DJ que não é o mais emblemático do French Touch, tendo permanecido numa espécie de obscuridade, com uma música que não é a mais popular entre os sub-géneros da música electrónica. Além disso, ÉDEN não pretende ser O filme definitivo sobre o French Touch, nem reconstituir a experiência de todos os actores deste período; esta história, a do meu irmão, é, sem dúvida, única. Não querendo idealizar, julgo que uma história assim pode, apesar de tudo, tornar-se emblemática de um movimento ou época, e ganhar, por intermédio humano, sentimentos, uma certa universalidade.

**De que forma trabalhou para atingir uma representação tão credível e realista destas festas?**

Graças a Sven, comecei desde muito jovem a sair à noite, a partir de 1994 – ia, por exemplo, ao What's up Bar, na Bastilha (em Paris), onde o Sven e o Greg (o outro DJ de Cheers) passaram música às sextas-feiras à noite ao longo de muitos anos. Era um dos locais incontornáveis da cena electrónica de Paris. Na mesma época, eram residentes na (rádio) FG: ouvia-os todos os domingos, conhecia os temas de cor. Eu própria tenho as minhas recordações desse período que, por vezes, se confundem com as do meu irmão. Por outro lado, tivemos ajuda de amigos do Sven, e reunimos uma grande quantidade de documentos. O Sven retomou o contacto com o Christophe Vix, fundador da fanzine ÉDEN, que reuniu para nós folhetos preciosos, números antigos da ÉDEN que nós não tínhamos e até nos emprestou acessórios, como os chapéus que se vê no início do filme. Ele tinha ainda fotografias da Agnès Dahan, fotógrafa das festas Respect no Queen. O Manu Casana, um dos primeiros organizadores de festas Techno em França, também nos aconselhou. Foi até ele que nos falou de Fort de Champigny, quando andávamos à procura de um local para a segunda rave. No mesmo período em que andávamos a fazer o levantamento de locais em Champigny, tropeçámos nos desenhos de Mathias Cousin (o desenhador de "Chant de La Machine", que serviu de inspiração para Cyril), realizados durante as raves de Fort de Champigny: são os que vemos nas mãos de Paul, quando saem da rave de metro.

**O que a atrai nesta música e no universo da Garage ?**

De entre todas as declinações da House e da Techno, gosto, antes de mais, de Garage, a música que o Sven tocava. Obviamente porque foi ao som dela que mais dancei, por força das circunstâncias. Mas também porque, sendo uma música de dança, com um ritmo marcado, por vezes duro e frio, é também muito calorosa e melódica. Gosto da importância que atribui à voz, a dimensão espiritual dos temas, com a qual podem ter um primeiro contacto directo e, por vezes, bastante ingénuo.

**Como descreveria a sua visão do French Touch, cujos mais importantes actores são evocados no filme?**

Tive a sensação, certa ou errada, que contar a história do French Touch, ou dito de outro modo, do universo do French Touch, era uma maneira de condensar a singularidade da nossa geração, a dos anos 90. Passou-se ali qualquer coisa que resume melhor a época que qualquer outro acontecimento cultural ou político. O Sven refere muitas vezes o hedonismo da sua juventude. Eu vejo também uma forma de inocência, uma relação de grande espontaneidade com a vida e o mundo, que encontramos na música dos Daft Punk. Levar a sério os sonhos de criança, decidir que a festa e o prazer constituem a vida, eis o gesto fútil e importante desta geração. O que não impede, à partida, uma certa forma de melancolia, não se pode viver 15 anos em festa sem que isso seja um pouco destrutivo. Melancolia essa que lá está, desde o início, embrionária.



**A música electrónica, a cultura de discoteca e os DJ passam, muitas vezes, mal no écran. Que armadilhas quis evitar para não retratar de forma caricatural este universo?**

A representação das discotecas no cinema é, muitas vezes, pobre, limitando-se a um punhado de imagens de Epinal. Isso deve-se à figuração, iluminação, escolha musical, realização e concepção. Em suma, a tudo. Cada ponto foi por nós rigorosamente pensado, queríamos uma espécie de originalidade, de verdade, que nos parecia não ter sido alcançada nas ficções... Para começar, queríamos evitar lugares-comuns – por exemplo, planos com figurantes musculados, a dançar como se fossem “profissionais”. Essa não é a realidade das discotecas. Nas discotecas, também lá estão pessoas por acaso, como se nada fosse, que estão aborrecidas ou simplesmente a beber um copo. Tentámos restituir a variedade às discotecas. Fomos à procura de figurantes nas festas electro e, de vez em quando, perguntávamos-lhes se conheciam bem os temas que passavam durante as cenas, porque nas festas que nos serviram de inspiração muitos deles tinham uma relação muito forte com a música. Além disso, deixámo-los à vontade para dançarem como lhes apetecesse – de tal forma que não dançavam de maneira muito anacrónica. Fomos também à procura dos bailarinos de break-dance daquela época para as festas Cheers no La Coupole. O investimento e o entusiasmo, bem real dos figurantes nas cenas de discoteca, ajudaram-me muito e também aos actores/DJ que estavam a pôr discos.

**A ÉDEN que dá o título ao filme é também uma fanzine publicada por um punhado de entusiastas à época das primeiras, mas também é difícil não pensar no jardim do Éden. As discotecas e as raves terão sido o jardim do Éden da geração dos anos 90?**

Admito totalmente o duplo sentido. Eu e o meu irmão vivemos aqueles anos como se fossem a Dolce Vita. Ele, que tinha tido uma adolescência complicada, desabrochou de um momento para o outro e tornou-se DJ. A sua vida mudou completamente. Foi tomado por uma energia colectiva incrível. Durante 10 anos, o mundo da música foi verdadeiramente mágico. Esta juventude foi incrivelmente radiosa, alegre. Quis prestar homenagem a esses momentos. Tinha vontade de fazer um filme sobre uma geração que se diverte, que o reivindica e que assim vive, o que ganha hoje um sentido ainda mais forte, uma época singularmente deprimida.

**Mas, paradoxalmente, a música não foi generosa com Paul, a personagem principal do filme, ela dá-lhe uma juventude magnífica, oferece-lhe uma profissão e depois impede-o de viver dela.**

A segunda parte do filme é, de facto, mais negra e podemos olhar para ela como uma espécie de desencantamento. Todavia, não é “A cigarra e a formiga”. Não sei, não quero ser moralista. Na minha opinião, o Paul cumpriu o seu destino, abraçou-o, e não passou ao lado da vida. É verdade, a obsessão pela música impediu-o de estabelecer uma relação sentimental estável, é verdade, há uma dose de falhanço, de sofrimento, mas ele viveu algo de excepcional. Olho para o percurso dele através da música e do Djing como um grande e magnífico desvio que o conduz, por fim, à literatura.

Paul é alguém que anda à procura de si próprio, que arrisca, que se lança de corpo inteiro na música e vive momentos extraordinários, que se perde e acaba, se calhar, por se encontrar, ou se reencontrar. Ele alimenta-se daquilo que viveu, tanto pelo lado luminoso da sua experiência, como pelos aspectos mais negros. Paul está em constante estado de instabilidade emocional.

**Será que é a sua profissão de DJ que o impede de estabelecer uma relação estável?**

Sim, o mundo no qual vive claramente não o ajuda a construir uma relação estável. Além disso, não consigo evitar ver uma relação de causa e efeito entre a estabilidade sentimental dele e a regularidade da relação com a música, a fidelidade à sua paixão pelo Garage, enquanto que outros DJ passam simplesmente de um estilo para outro consoante as épocas.

**Através do percurso de Paul escreve-se também a história de uma geração. Durante a escolha do elenco, tentou revelar uma geração de actores?**

Queria fazer um filme de amigos, algo que nunca tinha antes feito. As personagens deste filme vivem em grupo. Paul só fica sozinho mesmo no fim do filme, quando se afasta daquele universo. Procurei, para aquele grupo, actores que, de uma maneira ou de outra, pudessem viver o filme um pouco além das rigorosas necessidades do papel. A escolha de Félix de Givry foi determinante. Ele não é actor mas tem um grande à-vontade à frente da câmara e um verdadeiro talento para a representação, com uma ampla gama de subtilidades. Além do mais, ele compreende o universo da noite e dos DJ. Ele tem, inclusivamente, o seu próprio colectivo que organiza festas, Pain Surprise, que produziu, nomeadamente, o tema “Photomaton” do grupo Jabberwocky que utilizei no final do filme. Ele acha-se um herdeiro da geração do French Touch e possui a mesma energia. Foi ele que carregou o grupo do filme. O grupo constituiu-se em torno dele. Com um estranho equilíbrio entre papéis principais interpretados por desconhecidos e papéis secundários desempenhados por actores já rodados.







**Como é que trabalhou a banda-sonora do filme?**

Cada tema é quase uma personagem do filme. Eu e o Sven podíamos explicar longamente as razões que presidiram à escolha de cada um dos temas incluídos em ÉDEN. Já durante a escrita do argumento, reflectíamos sobre que tema queríamos para cada cena, assim como sobre a questão da homogeneidade e da evolução do conjunto. Também era importante para nós que este filme fosse uma espécie de homenagem ao Garage.

Em cada etapa, da escrita à rodagem e, evidentemente, durante a mistura, perguntámo-nos que vida iriam ter os temas. Eu queria que a música fosse muito concreta e incorporada. Que se compreendesse o que fazia o DJ, ter empatia com ele. Paralelamente, o Félix e o Hugo viram o Sven algumas semanas antes da rodagem: ele deu-lhes “aulas” de mix. Os figurantes também foram preparados. Tudo foi organizado de maneira a que tivesse lugar no momento da filmagem uma verdadeira “comunhão” entre os actores/DJ, os figurantes, a câmara e a música.

**Mostra uma face menos glamorosa da vida de um DJ, que imaginamos, normalmente, a correr o mundo de festa em festa, sempre de copo de champanhe na mão. Os DJ não são, então, todos uns David Guetta?**

Quis fazer um filme que fosse mais humano e menos fantasioso. Eu e o meu irmão desejávamos esse realismo, ainda que tivesse sido mais simples procurar o lugar-comum e uma representação mais eufórica da profissão de DJ. Esta profissão não se limita ao Jet Set e ao champanhe. Queríamos uma representação justa deste universo e quero lá saber se ela nem sempre corresponde ao que as pessoas imaginam e têm vontade de ver. Julgo que não retira beleza à profissão de dj e a esse universo musical mostrar também os momentos mais difíceis ou tristes que fazem parte da vida.

**O filme é, de certa maneira, ritmado pelas aparições dos Daft Punk, que se vão tornando cada vez mais famosos. Ao mesmo tempo, e esse é um dos recursos cómicos do filme, são rejeitados nas discotecas porque ninguém lhes conhece o rosto. Efeito cómico à parte, não será isso símbolo de uma música que toda a gente conhece mas que permanece, ao mesmo tempo, muito misteriosa?**

Sempre achei que existia uma espécie de graciosidade nos Daft Punk, cuja música sempre foi omnipresente, embora misteriosa. Thomas Bangalter e Guy-Manuel De Homem-Christo apoiaram ÉDEN desde o início, ao terem aceitado que utilizássemos da sua música em troca de um montante simbólico. Mas se eles entrassem no filme, teriam de ser como são nesta história, ou seja, como seres humanos em vez de robots fabricados pelos meios de comunicação. O que correspondia à maneira como nós os desejávamos mostrar. Para mim, isso não retira nada ao seu carácter inacessível e à força que veicula a música que fazem – pelo contrário.

## SOBRE MIA HANSEN-LØVE

Mia estreia-se em 1998 em *FIN AOÛT, DÉBUT SEPTEMBRE* de Olivier Assayas. Dois anos depois, faz uma aparição em *LES DESTINÉES SENTIMENTALES* [DESTINOS SENTIMENTAIS], do mesmo realizador, e frequenta aulas no Conservatório Municipal de Paris. Contudo, decide pôr fim à sua carreira de actriz, e torna-se crítica nos *Cahiers du Cinéma* até 2005.

Após um punhado de curtas, Mia Hansen-Løve assina em 2006 a primeira longa-metragem, *TOUT EST PARDONNÉ*, apresentada na Quinzena dos Realizadores e galardoada com o Prémio Louis-Delluc para uma primeira obra.

*LE PÈRE DE MES ENFANTS* [O PAI DAS MINHAS FILHAS] é o segundo filme da realizadora, exibido em Cannes em 2009, na secção *Un Certain Regard*. Reencontramo-la um ano mais tarde atrás das câmaras com *UN AMOUR DE JEUNESSE* [UM AMOR DE JUVENTUDE]. Em 2013, Mia Hansen-Løve regressa ao Festival de Cannes para presidir ao júri de curtas-metragens da Quinzena dos Realizadores.

## REVISTA DE IMPRENSA

**ÉDEN, paraíso sacrificial – Altos e baixos de uma geração de festas e “beats” inebriantes.**

**Libération – Julien Gester**

Início dos *nineties*, um bosque no Val-de-Marne. De madrugada, numa clareira, descansam dois anjos ébrios. Duas sombras carbonizadas e esgazeadas, silhuetas que debaixo do céu ainda iluminado pela Lua são tão semelhantes que parecem meios-irmãos, encostados um ao outro, ouvidos cheios de beats techno. A noite foi longa, e há-de continuar – quase vinte anos. E, entre os dois rapazes, ela não irá parar de abrir um fosso secreto, que a amizade que os liga não será suficiente para suprir. O filme que aí se inicia será a história da deriva nesta noite feita de êxtases e vertigens, uma noite que se adensa, alonga-se interminavelmente e, por fim, afunda-se.

Cómico. Após uma sedutora trilogia de longas-metragens já com um pé na autobiografia, a quarta obra de Mia Hansen-Løve inspira-se na trajectória do irmão, Sven, figura náufraga da explosão electrónica que emprestou o timbre, ritmo e matizes à década de 90. Fresco fugaz, imensamente gracioso, sobre o apogeu dos anos, o filme surge como o mais ambicioso empreendimento até à data da jovem cineasta, o mais arriscado, sem dúvida o mais belo. Através do *French Touch*, ÉDEN cria o seu próprio caminho e mantém na periferia da acção as figuras mais famosas do movimento – assim são estes *Daft Punk* cómicos representados por Vincent Lacoste e Arnaud Azoulay, cuja música de esplêndidos e elegíacos ritmos oferecem por três vezes à história.

Embora esboce o quadro de um par de décadas, com os seus coloridos e o seu espírito, como se de um licor se tratasse, ÉDEN parece apontar não à fama e ao glamour, mas sim à linha de descarrilamento traçada à margem por uma trajectória individual. E, apesar do cuidado obsessivo colocado nos mais ínfimos pormenores da reconstituição, é aqui que se afirma menos como o retrato de uma época e antes o de uma obsessão, de delicadas subtilidades, um itinerário de obstinação. No final do liceu, o protagonista, Paul (o estreante Félix de Givry), apaixona-se por uma música, o *Garage*, um sub-género híbrido saído da *House*, um colorido de tonalidades soul e disco. Para desespero da mãe, torna-se DJ e forma a dupla *Cheers*. Deixa-se levar pelas festas, drogas e belas criaturas que vão passando sem nunca se fixarem – Pauline Etienne, Greta Gerwig, Laura Smet, Golshifteh Farahani, todas notáveis e à altura de um elenco excepcional, onde se distinguem Vincent Macaigne e a revelação Roman Kolinka. Nem o tempo nem a cosmética de utilização postíça têm influência nos traços de Paul, enquanto a narrativa navega a todo o vapor e que, por toda a parte se amontoem sinais de uma vida que avança sem ele. Em surdina, vai-se percebendo, de forma cristalina, como esta paixão, em toda a sua constância, o petrifica, qual estátua impávida cega pelo idealismo, que apaga o fogo alimentado pelos anos que passam a correr, até lançá-lo ao tapete, sem que ele desse por nada. Como as anteriores obras de Mia Hansen-Løve, ÉDEN é um filme partido em dois. Lado A: a ascensão, as ilusões e a embriaguez – a imponderabilidade. Lado B: a derrota, a queda e o colapso, até às profundezas amargas da ressaca – a inércia e o movimento de ÉDEN poderiam resumir-se a uma aprendizagem da gravidade. A cisão dá-se em 2001, quando termina a primeira parte do filme durante o Verão nova-iorquino, uma última centelha de euforia despreocupada, imediatamente antes da queda das torres gémeas e do início de um novo século, quando a noite se torna cinzenta.

Cataclismo. Engolida por uma elipse, a mudança histórica só será apreendida pelo espectador por um estado de onda de choque abafado da memória, e Paul pode ainda confundi-la com um qualquer infrabaixo. Por ainda mais tempo, todavia, porque o cataclismo colectivo reflecte e é absorvido por um outro que o amplia, que o intima – e esta amálgama que ressoa de surdez no mundo e de uma estridente intensidade dos afectos constitui um dos magníficos truques engendrados pelo filme. A festa pode então vestir-se de luto, embora ainda se vá alongar. O tempo de ÉDEN caminhar ao lado de Paul até ao fim da noite, beijada com carinho e um travo amargo, este Verão adolescente e sonâmbulo que se espalha, imerso em música, e que não pára de agonizar, lento desastre refractado.



Quanto mais ÉDEN avança, mais profundo, rigoroso e amplo se torna. Se as personagens estão em queda, o filme está em constante ascensão.

**Les Inrockuptibles**

---

Delicado e justo, ÉDEN não é o filme de uma geração, mas antes o retrato íntimo de uma geração que não sabe o que fazer para seguir em frente.

**Le Nouvel Observateur**

---

A saga da música de dança electrónica de Mia Hansen-Løve é a sua obra mais ambiciosa e comovente até à data.

**The Hollywood Reporter**

---

Ao retratar uma geração tão entusiasmada pelas possibilidades que estava escrito que saíria desapontada, ÉDEN oferece uma visão séria da relação entre fantasia e realidade no caminho para a idade adulta. Os ritmos sedutores são o par perfeito para um filme que analisa o fluxo imparável de vida.

**Indiewire**

---

Para os opositores, ainda cépticos quanto à legitimidade da música de dança electrónica, bem como para os jovens fãs, mal informados acerca da sua longa história, ÉDEN, de Mia Hansen-Love, faria uma encantadora e esclarecedora sessão dupla com INSIDE LLEWYN DAVIS [A PROPÓSITO DE LLEWYN DAVIS], dos irmãos Coen. Apesar de completamente diferente no tom, estilo e filosofia, este retrato de um Dj de garage esforçado, que atravessa duas décadas do mundo da música de dança francesa, tem uma sensibilidade semelhante na evocação das alegrias fugazes e das desilusões latentes da vida artística, e igualmente impecável na apresentação da música.

**Variety**

---